

É preciso preservar o setor privado

No passado, em momentos de grande dificuldade, houve governos que optaram pela adoção de medidas destinadas a preservar o setor privado, pois apenas ele poderá liderar a recuperação da economia em meio a crises como a que vivemos hoje. Essa preocupação terá de estar presente nos próximos meses, quando a economia brasileira deverá com certeza enfrentar fortes reajustes.

Nos últimos dias, ante a fuga de capitais e a turbulência nos mercados, o governo elevou os juros, o que afetará gravemente a produção. Os bancos cortaram o crédito. As poucas operações realizadas são feitas a taxas de juros altíssimas, tornando impossível às empresas levantar capital de giro e às pessoas físicas pagarem as prestações no crédito dire-

to ao consumidor, como mostrou o novo presidente da Fiesp, Horácio Lafer Piva.

Em setembro, até sexta-feira, elevou-se a US\$ 12,747 bilhões a saída líquida de recursos do País. Quem mandou os dólares para fora vendeu títulos em reais. Como consequência disso, diminuiu a liquidez interna - a quantidade de dinheiro em circulação. Para evitar que a falta de recursos se agrave, o governo não renovará os títulos públicos que vencem esta semana no valor de R\$ 12,5 bilhões, em títulos prefixados, e de R\$ 1 bilhão, em títulos pós-fixados. Esse dinheiro voltará, assim à economia, e com isso se evitará o agravamento de uma situação já bastante delicada.

No decorrer desta semana, saber-se-á como os agentes econô-

micos receberam a elevação dos juros e, principalmente, se ela foi suficiente para estancar - ou, pelo menos, reduzir - a saída de dólares. Esperava-se ontem, nos meios financeiros, que o fluxo cambial diário mostrasse alguma melhora sem, necessariamente, passar do déficit - que atingiu US\$ 1,7 bilhão, sexta-feira - para o superávit.

Há, no entanto, algumas boas notícias: os mercados acionários reagiram, favoravelmente, em todo o mundo, inclusive no Brasil — onde a recuperação nas cotações das bolsas atingia 20%, em dois dias.

Os leilões de privatização - do Bemge, da Gerasul e da Eletro-paulo Bandeirante - , marcados para esta semana, serão observados com muita atenção, pois, se forem realizados com êxito, con-

firmarão que os investidores de longo prazo continuam interessados nas oportunidades oferecidas pelo Brasil.

As perspectivas para os próximos dias dependerão, em primeiro lugar, da rapidez com que os países desenvolvidos se dispuserem a auxiliar o Brasil, país-líder no Mercosul e na América Latina. Em segundo lugar, as companhias privadas precisarão ter salvaguardas para que não corram mais riscos do que poderiam suportar, pois enfrentam sérios problemas, como inadimplência crescente, elevados débitos externos difíceis de rolar, e, simultaneamente, uma conjuntura de desaquecimento econômico. Mecanismos de preservação do setor privado são essenciais para que, o quanto antes, a economia possa voltar a crescer.